



**INSTITUTO
FEDERAL**

Alagoas

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

CAMPUS ARAPIRACA

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E PRÁTICAS SOCIAIS

THAMIRYS MELO DOS SANTOS

MORTE E VIDA SEVERINA: UM RETRATO DO SERTANEJO NORDESTINO

ARAPIRACA, AL

2023

THAMIRYS MELO DOS SANTOS

MORTE E VIDA SEVERINA: UM RETRATO DO SERTANEJO NORDESTINO

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de pós-graduado em Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Nunes de Souza

ARAPIRACA – AL

2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Arapiraca

S237m

Santos, Thamirys Melo dos.

Morte e vida Severina: um retrato do sertanejo nordestino / Thamirys Melo dos Santos. – 2023.

1 PDF: (1 arquivo: 238 kB).

Arquivo digital no formato PDF do trabalho acadêmico com 15 folhas.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Adriana Nunes de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como artigo científico, (especialização, Pós-graduação em Linguagens e práticas sociais) – Instituto Federal de Alagoas, *Campus Arapiraca*, Arapiraca, 2023.

1. Literatura brasileira – história e crítica. 2. Modernismo.
I. Título.

CDD: B869.09

Luciete Barbosa da Silva
Bibliotecária CRB-4/1739

THAMIRYS MELO DOS SANTOS

MORTE E VIDA SEVERINA: UM RETRATO DO SERTANEJO NORDESTINO

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-graduação em Linguagem e Práticas Sociais do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Arapiraca, como requisito parcial para a obtenção do grau de pós-graduado em Linguagem e Práticas Sociais.

Aprovado (a) em: 14/12/2023.

AVALIADOR (A)

Documento assinado digitalmente

 gov.br

ADRIANA NUNES DE SOUZA

Data: 01/06/2024 12:44:39-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Nunes de Souza

MORTE E VIDA SEVERINA: UM RETRATO DO SERTANEJO NORDESTINO

MORTE E VIDA SEVERINA: A PORTRAIT OF THE NORTHEAST COUNTRYSIDE

Thamirys Melo dos Santos

RESUMO

O presente trabalho vem apresentar uma análise da obra *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, por uma perspectiva social e trazer ainda um método de ensino do livro em sala de aula. Escrita na década de 1950, a obra retrata a vida do sertanejo nordestino, mais exatamente, do homem da roça, no sertão de Pernambuco, que acredita na esperança de uma vida melhor no litoral e sai da sua cidade na fronteira com a Paraíba em direção a Recife. No seu caminho só encontra morte e chegando no seu destino, o cenário não difere muito, Severino vê então a morte como solução, mas uma vida que nasce, faz renascer a esperança de viver, mesmo que seja uma vida severina. A obra foi escrita com o objetivo de tornar-se peça teatral e resultou num clássico da literatura nacional modernista, abordando a desigualdade social, a carência e a migração, foi traduzida em vários idiomas, pode ser considerada atemporal.

Palavras-chaves: Morte. Sertanejo. Sociedade.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the work *Morte e vida severina*, by João Cabral de Melo Neto, from a social perspective and also brings a method of teaching the book in the classroom. Written in the 1950s, the work portrays the life of the northeastern countryman, more precisely, the man from the countryside, in the backlands of Pernambuco, who believes in the hope of a better life on the coast and leaves his city on the border with Paraíba towards to Recife. On his path he only finds death and when he arrives at his destination, the scenario doesn't differ much, Severino then sees death as a solution, but a life that is born, gives rise to the hope of living, even if it is a severe life. The work was written with the aim of becoming a theatrical play and resulted in a classic of modernist national literature, addressing social inequality, deprivation and migration, it was translated into several languages, and can be considered timeless.

Keywords: Death. Countryside. Society.

Data de submissão: 07.12.23 Data de aprovação: 14.12.23

1 INTRODUÇÃO

Escrita por João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina* traz a história de Severino, um típico homem do sertão pernambucano, que vê a oportunidade de mudança de vida migrando para a capital. Severino sai de sua cidade e parte numa jornada, onde encontra diversas pessoas, em diversos lugares, tendo a morte como algo comum a todos.

Logo no início da obra *Severino* já encontra pessoas carregando um defunto, na próxima parada ele encontra um velório, na parada seguinte conheceu uma senhora que faz da morte seu meio de sobrevivência, mesmo em Recife, que ele acreditava ser diferente, depara-se novamente com a morte e passa a ver a morte como saída, já que não conhece outra opção.

Morte e vida severina foi construída como peça teatral, com a intenção de ser apresentada como peça natalina e por isso chama-se *Auto de natal pernambucano*, pois a penúltima cena retratada na obra é o nascimento do filho carpinteiro, que surge no momento que Severino pensa em tirar sua própria vida.

A peça foi escrita na década de 1950, correspondente a terceira fase do modernismo brasileiro “a época modernista inclui além da literatura (...) os estudos sociológicos e históricos, econômicos e políticos, todos marcados por uma orientação de estudos brasileiros.” (COUTINHO, 1977, p. 84). A obra traz a realidade do sertanejo nordestino, que vivia na seca, sem opções de trabalho, com condições mínimas de sobrevivência, sem acesso à saúde, educação e justiça.

Apesar da obra retratar a realidade social do sertanejo da década de 1950, é possível afirmar que a realidade social atual não difere, como esperava-se, da apresentada na peça. A obra de João Cabral é considerada atemporal, por trazer temas, que independente da época e local de leitura, faz o leitor compreender e traçar um paralelo com a realidade social na qual se vive.

A intenção do autor ao compor a peça é fazer o leitor/espectador ver a realidade e tornar-se crítico, a obra não mostrar uma peça natalina delicada, como é comum de ser visto, mas sim uma encenação que tem a morte como protagonista, ou seja, o autor queria incomodar, tecer críticas e fazer com que seu leitor reflita sobre a sociedade e suas mazelas.

A literatura de (...) João Cabral de Melo Neto, afirma o crítico, desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual. (CANDIDO, 1999 apud ARAUJO, 2002, p. 37)

Cabral escrevia pelo todo, sua obra quando traz o sertanejo nordestino, evoca as desigualdades sociais de modo geral. Dar voz às camadas mais carentes

era uma necessidade, considerando o alcance nacional de sua obra. Deixar o imaginário e partir para uma literatura mais real é uma característica do autor, quando ele próprio afirma:

Creio que uma das bases da minha poesia sempre foi (...) essa coisa visual. Sempre achei que a linguagem, quanto mais concreta, mais poética. Palavras como melancolia, amor, cada pessoa entende de uma maneira. Se você usar palavras como maçã, pedra ou cadeira, elas evocam imediatamente ao leitor uma reação sensorial (MELO NETO, citado em LUCAS, 2003, p. 95)

Trazer algo concreto e tão real como as condições sociais nas quais encontra-se Severino, vale destacar que Severino representa não apenas uma pessoa, mas grande parte da população nordestina, o autor demonstra uma ênfase na carência por mudanças sem levantar bandeiras partidárias.

Objetiva-se aqui trazer discussões sobre a importância de realizar a leitura da obra, tida como um clássico da literatura faz-se necessário compreender a sua grandiosidade. Objetiva-se ainda explicar a aplicação de um método de ensino da obra em sala de aula e seus resultados.

Visto que a obra é ainda pouco discutida e destacando a dificuldade de encontrar pesquisa na área, surge uma curiosidade e necessidade de falar sobre e levar essa discussão para próximos trabalhos, desbravando a obra de várias formas.

2 DESENVOLVIMENTO

O trabalho pode ser tido como estudo de caso, considerando que foi analisada a maneira como a obra foi recebida por duas alunas, partindo de uma forma diferente de ler a obra, já que primeiro foi feita uma leitura de mundo e só depois a leitura da obra. É também de caráter qualitativo, sendo feito primeiro uma pesquisa bibliográfica. A metodologia pode ser dividida em duas partes.

Inicialmente, foi feita a leitura da obra, pesquisa sobre o autor, tempo e espaço em que a obra foi escrita e busca por material teórico para amparar as ideias que surgiram durante a leitura. Vale salientar que pouco foi encontrado sobre a obra, vê-se que há uma carência de estudo sobre.

Logo em seguida, foram escolhidas duas alunas para aplicação do método que incluía um passeio nos arredores da cidade de Batalha, no sertão alagoano, que muito se assemelha com o cenário narrado na obra, na intenção de tornar a leitura mais próxima da realidade, tornando-as mais reflexivas, logo depois foi feita a leitura em grupo, destacando os pontos que mais chamaram sua atenção.

A obra se passa num tempo e espaço real, retratando a realidade social do sertanejo pernambucano, na década de 1950, que buscava por melhores condições de vida, deixando o sertão e partindo para o litoral.

O livro inicia-se com o personagem Severino se apresentando, logo no início já é possível notar a dificuldade de se apresentar, percebe que Severino sofre para achar uma particularidade que o torne diferente dos outros Severinos.

O retirante explica ao leitor quem é e a que vai:

- O meu nome é Severino,
Não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
Que é santo de romaria,
Deram então de me chamar
Severino de Maria;
Como há muitos Severinos
Com mães chamadas Maria,
Fiquei sendo o da Maria
Do finado Zacarias.
Mas isso ainda diz pouco:
Há muitos nessa freguesia,
Por causa de um coronel
Que se chamou Zacarias
E que foi o mais antigo
Senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem fala
Ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
Da Maria do Zacarias,
Lá da Serra da Costela,
Limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
Se ao menos mais cinco havia
Com nome Severino
Filhos de tantas Marias
Mulheres de outros tantos,
Já finados, Zacarias,
Vivendo na mesma serra

Magra e ossuda em que eu vivia.

(MELO NETO, 2007, p. 91-92)

Na sua apresentação, Severino não fala apenas dele, mas de todos os Severinos que ele representa, ou seja, a população pobre nordestina. Todos que ali moravam, mesmo que não fossem chamados Severinos levavam uma vida Severina, como ele explica:

E se somos Severinos
 Iguais em tudo na vida,
 Morremos de morte igual,
 Mesma morte Severina:
 Que é a morte de que se morre
 De velhice antes dos trinta,
 De emboscada antes dos vinte,
 De fome um pouco por dia
 (de fraqueza e de doença
 É que a morte Severina
 Ataca em qualquer idade,
 E até gente não nascida)
 (MELO NETO, 2007, p.92)

É possível afirmar que a explicação que o personagem dá para a vida e morte Severina é reflexo da grande desigualdade social vivida pela população da época, no sertão nordestino.

Enquanto a região Sudeste crescia e desenvolvia o seu poder industrial, tornando-se o grande centro financeiro do país, o Nordeste continuava em condições miseráveis e, muitas vezes, aceitando a realidade na qual estava inserido.

O personagem via a migração para o litoral como uma esperança de vida melhor, crendo ele que no caminho possivelmente encontraria meios de trabalho, mas no caminho de Severino foi a morte surgiu.

A morte surge no início da obra como uma forma de denunciar a impunidade que dominava o sertão, o poder dos grandes produtores de terra, que podiam matar os pequenos lavradores para dominar suas terras e assim crescer ainda mais, fazendo a desigualdade aumentar cada vez mais.

— Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.

(...)

— E o que havia ele feito
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?

— Ter um hectare de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.

(...)

— Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?

— Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

— E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?

— Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.

(MELO NETO, 2007, p.94-96)

Logo em seguida, Severino encontra um velório de outro Severino, mais uma vez o autor demonstra a unidade que Severino representa e coloca a morte em seu caminho novamente.

Cansado de caminhar, o personagem resolve procurar trabalho por onde passava, mas suas habilidades eram do homem do campo, ou seja, só sabia cuidar da terra, do roçado e do gado, mas essas não eram opções de trabalho na região e mais uma vez a morte cruza seu caminho, como modo de ganhar a vida.

— Essa vida por aqui

é coisa familiar;

mas diga-me retirante,

sabe benditos rezar?

sabe cantar excelências,

defuntos encomendar?

sabe tirar ladainhas,

sabe mortos enterrar?

(...)

— Vou explicar rapidamente,

logo compreenderá:

como aqui a morte é tanta,

vivo de a morte ajudar.

(...)

— É, sim, uma profissão,

e a melhor de quantas há:

sou de toda a região

rezadora titular.

(...)

— Como aqui a morte é tanta,

só é possível trabalhar

nessas profissões que fazem

da morte ofício ou bazar.

(MELO NETO, 2007, p.104-105)

No caminho encontra um enterro e quando chega em Recife sua primeira parada é em um cemitério, onde ele ouve a conversa de dois coveiros que demonstram que a situação na capital não era a esperada por Severino. A conversa traz a divisão das classes da cidade e mais uma vez enfatiza a desigualdade existente na sociedade da época e como a morte era um caminho mais rápido para aqueles mais pobres.

Severino entende que sua esperança de uma vida melhor parece agora uma ilusão, pois as oportunidades que ele esperava encontrar na capital não aparecerão e ele verá a morte como único caminho, sendo a morte estava presente durante todo o caminho do personagem.

A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de anhinga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

(MELO NETO, 2007, p.120)

Severino não consegue mais encontrar outra solução que não seja a morte, então conversa com outro personagem, que vale destacar não se chamava Severino e era carpinteiro, sobre a vida e a morte, o carpinteiro conta sua história e não difere muito da vida de Severino, um dia de cada vez e no meio da conversa nasce o filho do carpinteiro.

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, Severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida Severina.

(MELO NETO, 2007, p.132-133)

Com o nascimento do menino é notável que a esperança do carpinteiro ganha destaque e ele faz uso dela para mostrar a Severino que apesar da vida severina vale a pena viver. Uma nova vida que nasce traz consigo a esperança de mudança e mesmo que isso não aconteça, há beleza na vida mesmo com todas as dificuldades encontradas.

A cena final da peça é de uma beleza grandiosa e que retrata uma característica muito forte do povo nordestino, que independente das dificuldades da vida, nunca perde a esperança.

Durante toda a obra a morte é protagonista, morte em várias faces, a morte da esperança de Severino é a mais preocupante, porque ela demonstra o medo do amanhã, que é algo presente em todo ser humano.

A obra merece grande destaque por trazer temas que não eram explorados e de uma forma acessível para todos os leitores. Mostrar as condições que o sertanejo nordestino se encontrava e ganhar destaque na academia, mostra a genialidade do autor de lidar com diferentes classes e alcançá-las, apresentando através da literatura um cenário tão pobre e ao mesmo tempo tão rico.

Foram selecionadas duas alunas do ensino fundamental e foi explicado que elas fariam uma leitura dos locais mais carentes da cidade e logo em seguida seria lida uma obra literária que falava sobre o nordeste e que elas fariam um paralelo com os cenários que viram e os cenários descritos no livro.

A cidade apesar de pequena possui grandes diferenças sociais e as alunas escolhidas fazem parte da classe média, são estudantes de escola particular e residem na zona urbana.

O local escolhido para a visita foi uma comunidade carente, distante da escola e do meio social das alunas. Era perceptível no olhar a estranheza das duas e o desconhecimento daquela realidade na cidade em que moravam.

A comunidade é próxima de uma fazenda, e fica claro a desigualdade, considerando que de um lado tem vários casebres e do outro uma enorme propriedade com apenas uma casa no meio.

Depois da observação foi feita uma roda de conversa com um senhor de sessenta anos que morava na zona rural e ainda jovem mudou-se para a zona urbana em busca de uma melhor qualidade de vida.

“a riqueza está em descobrir, no relato pessoal, marcas do sentido de um tempo, da elaboração que pessoas e grupos poder fazer acerca do que viram, ouviram ou sentiram, o essencial é o vivido. Um vivido cheio de significações diferenciadas que pode elucidar um determinado evento, fato ou fenômeno. (Barbosa e Souza, 2009, p.89)

Depois da visita e da conversa, foi feita a leitura em grupo da obra Morte e vida Severina, a parte que foi destacada pelas alunas foi a cena final, onde o carpinteiro diz a Severino que vale a pena viver, como já foi supracitado.

Elas ainda destacaram o fato da primeira morte retratada no início do livro e indagaram que a fazenda que vimos foi conseguida dessa forma, mas não tenho informações sobre isso.

Fizeram um paralelo ainda sobre as pessoas da cidade onde elas residem irem embora para outro estado em busca de melhores condições, ou seja, o livro traz a realidade social dos anos 1950 e as alunas destacam um comportamento semelhante nos anos 2020.

Falaram ainda que algumas pessoas da cidade, muitas vezes, tem o sustento dependente da roça, igual ao Severino, e por ser um lugar seco, onde dificilmente chove, deveria ter água a disposição sempre, mas o cenário é de falta de água, o que é prejudicial para as plantações.

Elas gostaram do formato do texto – poesia – e destacaram o fato de ser um texto de leitura simples, sem palavras difíceis e com ritmo musical. E perceberam a referência do nascimento do filho do carpinteiro com o nascimento do menino Jesus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra aqui analisada traz uma belíssima leitura do homem do sertão nordestino que sai do seu lugar por não ter outra opção e acha uma vida tão difícil quanto a que já levava.

O autor consegue incomodar o leitor, quando coloca a morte como destaque, mas a sua intenção é conseguir fazer o leitor refletir sobre a realidade a qual o personagem estava inserido.

O Severino representa, não apenas um personagem, mas uma realidade vivida por muitos outros Severinos, que independente do nome, levam a mesma vida e morrem das mesmas mortes.

O texto é a definição do que foi a década de 1950 no Nordeste, infelizmente até os dias atuais é possível achar pessoas nas condições de vida Severina, mas é um exemplo da realidade que não se deseja ter-se novamente.

Vive-se numa sociedade, onde a grande maioria tem acesso à educação, saúde, segurança e outros direitos básicos, que foram estabelecidos por leis universais, um exemplo são os direitos humanos, que Candau vem explicar,

Diz respeito aos processos de transformação necessários para a construção de sociedades verdadeiramente democráticas e humanas. Um dos componentes fundamentais destes processos se relaciona, segundo Candau, 2009:

A educar para o nunca mais, para resgatar a memória histórica, romper a cultura do silêncio e da impunidade que ainda está muito presente em nossos países. Somente assim é possível construir a identidade de um país, na pluralidade de suas etnias, e culturas.

As discussões sobre esses cenários passados e atuais são necessárias para que se eduque um ser humano crítico, que possua conhecimento sobre o passado e possa fazer do futuro um lugar ainda melhor. Que conheça e respeite as diferenças e possa sempre ir em busca do melhor para todos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Homero José Vizeu. **O poema no sistema: a peculiaridade do antilírico João**

BARBOSA, Deborah Rosária e SOUZA, Marilene Proença R. **História da Psicologia: contribuições da etnografia e da história oral**. Temas em Psicologia. Vol. 17, no 1, 81 – 91, 2009

Cabral na poesia brasileira. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CANDAU, Vera Maria. **Educação em Direitos Humanos e diferenças culturais: questões e buscas**. Revista Múltiplas Leituras, v.2, n. 1, p. 65-82, jan./jun. 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

COUTINHO, Afrânio. **Evolução da crítica literária brasileira: história literária**. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1977.

LUCAS, F. **O poeta e a mídia: Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Senac, 2003.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina; e Outros poemas / João Cabral de Melo Neto**. – 1º ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.